
O papel do tradutor no processo de tradução

THE TRANSLATOR'S ROLE IN
THE PROCESS OF TRANSLATION

Mari sa Bal dani Per es I brahi m

Mestrado em Letras –
UNESP/Marília.
Graduação em
Tradutor – USC.

RESUMO

Neste trabalho verificamos conceitos de língua, leitura e cultura para entendermos melhor o papel do tradutor no processo de tradução. Abordamos duas visões teóricas distintas sobre a problemática da fidelidade e, por fim, apresentamos a análise dos dados coletados mediante um questionário enviado a alguns profissionais da área. Quando se trata de leitura, de visão de mundo e de contexto histórico, o tradutor exerce o papel de tradutor-leitor. Entretanto, ao equiparar as diferenças lingüísticas com um certo grau de diversidade e identidade, o tradutor terá um compromisso instável diante de seu público-alvo, exercendo, assim, seu papel de tradutor-autor. Os dados levantados neste trabalho confirmam a hipótese levantada de que, muitas vezes, o tradutor sente-se forçado a se restringir pelas regras ditadas pelos “clientes”.

PALAVRAS-CHAVE: língua; leitura; cultura; tradutor-leitor; tradutor-autor

ABSTRACT

This study examines some concepts of language, reading and culture in order to understand the translator's role in the process of translation. We discuss two different theoretical views about the problem of fidelity, and lastly, we present the data analysis collected by means of a questionnaire that was sent to some professionals of the field. When we talk about reading, world vision and historical context, the

translator has the role of translator-reader; when we talk about decreasing the linguistic differences with a certain amount of diversity and identity, the translator has an unstable commitment to his target-public, carrying out his role of translator-author. The data raised in this paper confirm the hypothesis that, many times, the translator feels pushed to bound himself by the rules demanded by the “clients”.

Key words: language; reading; culture; translator-reader; translator-author

INTRODUÇÃO

Este trabalho justifica-se por tentar trazer aos profissionais da área uma reflexão sobre o papel do tradutor na atualidade. O objetivo proposto nesta pesquisa foi analisar o papel do tradutor na prática, através de um questionário enviado a alguns profissionais e professores. A hipótese que se levanta aqui é de que na teoria o papel do tradutor é de autor, co-autor, ponte e criador, mas na prática este papel não se sustenta, pois ele, o tradutor, parece sentir-se obrigado a cumprir regras ditadas pelos “clientes”.

No primeiro tópico deste trabalho, abordamos as questões de língua, leitura e cultura, pois consideramos estes aspectos essenciais para a compreensão do processo de tradução. No segundo tópico, apresentamos alguns pressupostos teóricos em relação a duas visões teóricas fundamentais quanto à questão da fidelidade da tradução e, por fim, apresentamos a análise dos dados coletados mediante um questionário e a conclusão da pesquisa.

LÍNGUA, LEITURA E CULTURA

Entendemos que linguagem é todo sistema em que as significações definidas estão subordinadas a suportes materiais definidos por signos verbais. Segundo Schaff (1964), a linguagem reflete, recorta a realidade. Assim, podemos dizer que a linguagem cria a realidade humana. O mundo determina o nosso modo de percepção ou a reflete e reproduz? Sabemos que a linguagem é um produto social e histórico e por ser um produto social, é a criadora e ao mesmo tempo é a criação da imagem do mundo.

A linguagem influencia a maneira como o espírito reflete a

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

realidade e é produto desse reflexo, produto da prática social. Portanto, o homem não só pensa como fala, como também fala como pensa. Os homens falam segundo o que sugere a vida, a prática. Dessa forma, o conhecimento humano consiste em conhecer algo que existe objetivamente em relação ao espírito. Nesse sentido, o conhecimento é o reflexo da realidade, mas de maneira subjetiva, pois opera-se sempre num sujeito dado.

O conhecimento humano será nossa base para introduzirmos a concepção de leitura, que segundo Orlandi (1988) é “atribuição de sentidos”, e é nesse sentido que é tomada como “leitura de mundo”.

Orlandi (1988) questiona o que é um texto legível, e segundo ela, é a natureza da relação que alguém estabelece com o texto, que está na base da caracterização da legibilidade. Essa natureza da relação é produzida entre o leitor e o autor, mediados pelo texto:

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (ORLANDI, 1988, p. 9)

Portanto, leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. Quando se lê, consideramos não apenas o que está dito, mas também o que está implícito, ou seja, aquilo que não está dito e que também está significando. O lugar social dos interlocutores é parte constitutiva do processo de significação. É importante termos a noção de que nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e feitos de leitura de cada época e segmento social. O tradutor não deve ignorar a temporariedade, finitude e mortalidade dos fatos humanos, pois os sujeitos envolvidos nesse processo estão situados em contextos sócio-culturais não-divinos. O papel do tradutor será sempre num plano humano, de interpretar e produzir.

Como se dá a origem do significado? Segundo Arrojo (1992), as teorias do logocentrismo pressupõem que é fora do sujeito/leitor que se encontram a origem dos significados; ou seja, no significante, no texto. Segundo essa visão, o leitor pode encontrar os significados no texto e em suas marcas, que teriam a característica de preservar os “conteúdos” da mensagem.

Outra visão, segundo Arrojo, projeta no autor a origem do significado. Compreender ou ler envolveria, então, a descoberta e o resgate daquilo que o emissor ou o autor quis dizer. Nesse caso, o autor é fator determinante do significado e o significante (texto) funciona como envólucro capaz de aprisionar, em qualquer circuns-

tância, o significado autoral. Ao leitor cabe apenas um papel filial e passivo, respeitador dos desejos autorais intencionalmente “inseridos” no texto. Ora, o significado não está numa convenção ou acordo tácito (ARROJO, 1992). Se entendermos o texto como um processo discursivo, do qual fazem parte memórias discursivas (SERRANI, 2000), o que interessa observar é o processo de leitura. Procura-se, assim, compreender os caminhos pelos quais o leitor atribui sentidos e constrói suas representações predominantes. A noção de compreensão inclui, assim, a inteligibilidade, a argumentação e a interpretação.

Portanto, a construção e a produção de significados são devidos à compreensão do leitor em relação ao texto. Desta forma, é no processo de produção de leitura que o leitor compreende e atribui sentidos. Arrojo (1992) completa: se o autor tem o papel de regular e censurar a construção dos significados numa determinada época e cultura, também o tem a figura do leitor.

Segundo Moita Lopes (1996), o leitor, fazendo parte de um processo de negociação do significado, interage com o escritor. Esta interação é caracterizada por procedimentos interpretativos, que são parte da capacidade do leitor de se engajar no discurso ao operar no nível pragmático da linguagem. O conceito de capacidade é um construto relacionado não à análise lingüística, mas à negociação do significado, uma visão da linguagem como processo e não como produto. Kleiman (2002) afirma que mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor, a qual tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos.

Moita Lopes (1996) situa a leitura como ato comunicativo, no qual está implícito o fato de que leitores e escritores estão posicionados social, política, cultural e historicamente ao agirem na construção do significado. Isto quer dizer que ler é saber que se está envolvido em uma interação com alguém em um momento sócio-histórico específico e que o escritor, como qualquer interlocutor, usa a linguagem a partir de um lugar social marcado.

A linguagem também é uma questão de cultura. Aubert (1993) questiona a dificuldade de se traduzir, em face das diferenças culturais. Para ele, a questão da tradução baseia-se nos construtos da instabilidade relativa da língua e da interpenetrabilidade relativa entre língua e cultura. Como ocorre exatamente essa relação entre língua e cultura?

Schaff (1964) aborda a linguagem a partir de três perspectivas: o problema do papel da linguagem no pensamento, no conhe-

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

cimento e na cultura.

1) Através da primeira perspectiva, o autor destaca três aspectos importantes da relação linguagem e pensamento: 1-) as línguas naturais são os suportes do pensamento conceptual; 2-) a linguagem, enquanto produto aprendido pelo homem, constitui o fundamento social do pensamento individual: é uma aquisição social; 3-) a linguagem maior do ponto de partida social e a base do pensamento individual é responsável pelo nível de abstração e generalização desse pensamento.

2) Num segundo momento, o autor considera que o conhecimento humano é o pensamento particularmente qualificado. Todo processo de conhecimento liga-se, indissociavelmente, à “prática” e o que a linguagem faz é fixar e traduzir a prática ou saber das gerações passadas. É essa linguagem, portadora de uma herança condensada, que vai influenciar o nosso modo de percepção da realidade: a linguagem não é apenas reflexo da realidade, mas é também criadora da nossa “*imago mundi*”.

Este aspecto levanta a questão do relativismo lingüístico: se uma língua enfoca aspectos diferentes da realidade, poderá, então, ser traduzida por outras línguas? Condenando o relativismo lingüístico, Schaff (1964) observa que por mais diferentes que sejam os sistemas de linguagem e de pensamento há, em todas as línguas, elementos comuns que permitem o processo de tradução.

3) Partindo da definição de Sapir de que “cultura” é o que uma dada sociedade pensa e faz, Schaff (1964) considera bilateral a relação entre linguagem e cultura: a cultura influencia a linguagem e esta age sobre o desenvolvimento da própria cultura. A partir de suas considerações sobre o caráter lingüístico do pensamento conceptual, o autor considera evidente a ação da linguagem na produção científica, técnica e cultural de uma determinada sociedade. Uma sociedade primitiva não poderia pensar, por exemplo, a lei de relatividade. A linguagem fornece ao homem o ângulo de visão através do qual ele aborda e entende a realidade, numa espécie de conhecimento social que se refere não apenas ao conhecimento em geral, ao científico, mas ainda às atitudes humanas e seus esteriótipos de comportamento. A linguagem não só é um dos elementos da cultura, mas um dos seus co-criadores. O tradutor, assim, é aquele que procura se inserir nesse outro ângulo de visão para que possa abordar e entender essa outra realidade diferente da sua, considerando o conhecimento social, atitudes humanas e sua cultura.

Em suma, as relações da linguagem com o pensamento, com o conhecimento e com a cultura humana evidenciam a importância do papel do tradutor ao tentar transmitir o que é visão de mundo

numa língua para a visão de outra, isto é, ao tentar compreender ou penetrar numa realidade recortada pelas línguas naturais.

DUAS VISÕES E A QUESTÃO DA FIDELIDADE: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Consideremos duas visões teóricas fundamentais a respeito deste trabalho: a visão tradicional ou estruturalista e a visão pós-estruturalista, mas não se pretende traçar uma nítida linha divisória entre duas reflexões teóricas. Ottoni (1997b; p.1-2) comenta:

Descartada a visão descritiva e sistemática, de base lingüística, não é fácil traçar uma linha teórica divisória e simplesmente passarmos a considerar tudo o que se faz atualmente, dentro de uma concepção pós-estruturalista, em oposição ao que se fazia anteriormente, como uma possível solução às questões de tradução.

Segundo Ottoni, dividir em dois momentos os estudos de tradução seria uma atitude apressada e, até certo ponto, irrelevante, pois a tradução resiste a qualquer sistematização, tanto em relação às diversas linhas teóricas quanto aos sistemas linguísticos envolvidos.

A visão tradicional pressupõe, de modo geral, a presença de significados inerentes ao texto e, conseqüentemente, a possibilidade de seu resgate e transposição para outro sistema lingüístico. Segundo Santos (1998), tal *possibilidade* de resgate conduz ao *dever*, manifesto no desejo de ser fiel e na ilusão de poder proteger e transportar a mensagem do autor. A partir dessa perspectiva, o tradutor assumiria o compromisso de fidelidade ao querer dizer do autor, conservando-se o mais próximo possível da sua forma e compondo um texto de chegada que despertaria em seus leitores as mesmas emoções despertadas pelo original. Assim, na visão tradicional, a questão da fidelidade é reduzida a uma apreciação das perdas e ganhos em relação aos significados considerados presentes no texto de partida. Desta forma, tais teorias reforçam a permanência do próprio anseio e da ilusão de resgate, impedindo o tradutor de assumir sua tarefa de co-autoria do texto traduzido. Segundo Arrojo (1992), as teorias clássicas, baseadas nos pressupostos logocêntricos do pensamento ocidental, cerceiam a questão tradutória de tal forma que impossibilitam ao tradutor sair de sua condição secundária e servil.

Devido a esses limites logocêntricos cerceadores, as teorias tradutórias permaneceram sempre analisando as mesmas questões,

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

como: “De que forma se pode, ou se deve, atingir a fidelidade? Qual é a melhor correlação possível entre o texto A da língua-fonte e o texto B da língua-alvo?”

A primeira pergunta pressupõe a possibilidade de uma tradução fiel e associa a fidelidade ao dever, ou seja, um *compromisso* irredutível da tarefa do tradutor. Essa postura gera teorias de tradução que procuram a sistematização das técnicas que o tradutor deve dominar para transportar, com o mínimo de modificações, o conteúdo de partida. Dentro dessa perspectiva, a fidelidade do tradutor é avaliada objetivamente pela sua capacidade lingüística de captar, com neutralidade, o conteúdo das idéias do autor e apresentá-lo aos seus leitores sob outra forma. Se há, para esses autores, a *possibilidade* de proteção e transporte da mensagem do original, o tradutor *deve* assumir o compromisso de levar a cabo esse transporte para que sua competência seja reconhecida. Assim, a preocupação com o dever do tradutor criou a necessidade de se *declarar* fiel, de alguma forma, ao original, mesmo quando *descreve* as apropriações e modificações inevitáveis ocorridas durante o ato tradutório.

A análise da correlação entre “o texto A e o texto B”, assinada na segunda pergunta, constituiu, dentro da tradição das teorias de tradução, em fazer derivar e subordinar o texto B ao texto A. A tradução transportaria ou transformaria significados já presentes no original, gerando um texto que, embora supostamente possibilitasse aos seus leitores captarem as mesmas idéias originárias ou sentirem as mesmas emoções do leitor do texto de partida, estaria sempre numa posição subalterna. A interferência do tradutor na relação entre os dois textos poderia e deveria ser conscientemente controlada e sua fidelidade, ou maior mérito, consistiria em tornar-se invisível para seus leitores.

A reflexão pós-estruturalista parte de uma perspectiva que se contrapõe à abordagem tradicional e considera a tradução uma interpretação regrada do original. Como agente de um ato interpretativo, o tradutor é o produtor, não o protetor, dos significados do texto e sua interferência no original não poderá nunca ser inocente, invisível ou livre. A apreciação de um texto de chegada, a partir dessas perspectivas, privilegia o contexto em que foi feita a leitura do original, quem é o tradutor, a sua comunidade interpretativa e para quem ele traduz.

Segundo Arrojo (1993), a fidelidade do tradutor pode ser analisada sob três aspectos. Primeiramente, se apenas podemos contar com interpretações feitas a partir de circunstâncias sócio-históricoculturais do tradutor, este só poderá ser fiel à sua interpretação do texto de partida. Além disso, tanto uma tradução como uma leitura,

afirma Arrojo (1992), inevitavelmente refletirão, além do sujeito-tradutor, o momento histórico e a comunidade cultural que as produzem (cf. p. 103).

Em segundo lugar, o tradutor será fiel à teoria de tradução que serve de ponto de partida para seu trabalho. Algumas traduções, por exemplo, modernizam o vocabulário do texto de partida ou domesticam o que parece muito diferente ou chocante no original e em terceiro, o tradutor assume o compromisso de ser fiel aos objetivos aos quais se destina sua tradução, por exemplo, as tradutoras feministas assumem o compromisso de fidelidade a uma causa política, subvertendo explicitamente o texto de chegada como estratégia para alcançar seus objetivos.

A questão da fidelidade, portanto, ultrapassa a noção de equivalência ou a mera apreciação de perdas e ganhos em relação a um original estável e articula-se com reflexões contemporâneas constituindo diferentes objetos de estudo e novos ângulos de tematização (SANTOS, 1998).

As duas fidelidades, para com a mensagem efetiva e para com o destinatário vislumbrado, instituem a diversidade. E a diversidade é a própria justificativa, a razão de ser da tradução. Não fossem diversos os códigos, as culturas, os momentos históricos, os homens, não haveria motivo para se traduzir. Portanto, a fidelidade na tradução, caracterizada pela junção de um certo grau de diversidade com um certo grau de identidade, será um compromisso instável entre essas duas tendências aparentemente antagônicas, atingindo a sua plenitude nesse compromisso e nessa instabilidade.

O QUE DIZEM ALGUNS TRADUTORES SOBRE O ATO DA TRADUÇÃO

Diante dessa diversidade do ato tradutório, queremos experienciar qual tem sido realmente sua postura, seu perfil e posicionamento na profissão. Com esse objetivo, foi feito um questionário, contendo algumas questões de nosso interesse, que foi enviado a alguns professores da área de tradução e tradutores profissionais. O estudo foi orientado por princípios qualitativos quanto à escolha das características das respostas e quanto aos procedimentos para a coleta de dados e análise dos mesmos. Além disso, a pesquisa apresenta um estudo exploratório, *pos facto*, dos conceitos e intenções dos sujeitos em contextos de sua prática social. Enviamos a professores de instituições, porque detêm o saber relativo à teoria da tra-

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

dução e também podem nos trazer alguma contribuição com conceitos novos, mais atualizados ou alguma informação extra que fosse relevante para nosso trabalho. Os profissionais que selecionamos foram escolhidos pois trabalham há anos como tradutores e, dessa forma, podem contribuir mais devido à prática da tradução. O importante desta seleção é que partiremos da prática para a teoria. Várias perguntas foram feitas, mas separamos somente três, consideradas mais relevantes para a análise dos dados.

Passemos, então, à apresentação dos 10 profissionais selecionados: o profissional 1 pertence a ALUMNI – São Paulo; o profissional 2, ao departamento de Tradução da UFOP; os profissionais 3, 5 e 6, à UNICAMP; o profissional 4 é um Tradutor Juramentado em São Paulo; o profissional 7 é Tradutor Público e Intérprete Comercial de alemão, inglês e espanhol em São Paulo; o profissional 8 pertence ao projeto PRONIT da UFRJ; o profissional 9 pertence ao departamento de Tradução da PUC-SP e, por fim, o profissional 10 faz parte do departamento de Tradução da UnB.

As três perguntas, que selecionamos para analisar aqui, têm o objetivo de verificar qual o conceito de tradução e como o tradutor atua diante da diversidade e restrições da língua e da cultura. As perguntas foram: o que é traduzir? Em que medida o tradutor é escravo do texto e/ou do autor do original? E como pode o tradutor fugir às restrições impostas pelas diversidades lingüísticas e culturais?

Que é traduzir?

1. Transpor idéias mantendo a força semântica e estética.
2. É sintonia, sincronia, sinergia.
3. É investigar o próprio processo tradutório.
4. É verter um texto a outro idioma considerando época, classe e regionalismo.
5. Sendo árbitro privilegiado o tradutor, busca equivalência textual para a língua-alvo, essa identidade é relativa e dinâmica.
6. É produzir e transformar significados, mostrando semelhanças entre as línguas envolvidas.
7. É decidir e interferir no texto que está traduzindo.
8. É transpor, transladar ou verter de uma língua para outra.
9. É o processo de re-produção e transformação, sendo relacionado pelas semelhanças e diferenças e aproximação entre os textos.
10. Transpor uma expressão de um meio de expressão a um outro.

Em que medida o tradutor é “escravo” do texto e/ou do autor do original?

1. Na medida que se pressupõe a existência de um significado estável, guardado no texto.
2. O tradutor está num processo duplo de leitura, visando sempre o seu interlocutor.
3. Nunca diria que possa ser escrava, mas que preciso me familiarizar com a linguagem do autor.
4. Priorizando o conteúdo e o estilo do autor, o tradutor deve fazer uma abordagem retrospectiva voltada para a língua-alvo.
5. Acho que o tradutor como o autor, nunca são “escravos” do texto.
6. Não creio que possa dar esse adjetivo ao tradutor. Depende muito mais da sua cultura e capacidade técnica pessoal o sair-se bem de determinada tradução.
7. O tradutor não está produzindo um texto de autoria própria. O contrato que rege sua atividade o obriga a ser fiel ao original.
8. O tradutor não deve fidelidade ao texto ou ao autor do original, mas sim ao compromisso de ser um leitor crítico e criativo.
9. Ele tem a obrigação de escrever em “bom português” o que está escrito no texto fonte e, por exemplo, não falar flores se o texto fala em frutas.
10. Até o ponto em que o original não teria sentido, para o leitor de uma outra cultura, sem uma adaptação, uma nuance adicional.

Como pode o tradutor “fugir” às restrições impostas pelas diversidades lingüísticas e culturais?

1. Adaptando o texto a seu público-alvo, à sua língua materna, cultura e meio ambiente.
2. Não se deve fugir e sim aproximar para entender. Compreender sistemas diversos e comportar-se dentro deles de acordo com suas regras.
3. O tradutor nunca foge. Ela usa de criatividade e acima de tudo é consciente de seu papel de “ponte” e vai buscar sempre “equivalências”.
4. Qualquer tradução, literalmente feita, torna-se grotesca. Assim, sempre precisará ser levado em conta não só a expressão do autor, como também o público-alvo.
5. A língua tem maleabilidade que permite o tradutor encontrar o equivalente textual mais adequado. Equivalência esta tida como relativa e dinâmica, não absoluta.
6. O tradutor é aquele que desmascara estas restrições.
7. Não há como fugir! É preciso enfrentá-las. É a cultura e a capacidade de discernimento do tradutor que vão dar ou não ao leitor a fidelidade do texto de origem.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

8. O tradutor experiente tenta (e por vezes consegue) produzir um texto coerente para o leitor que não conhece a língua de partida. Isso implica em escolhas que podem levar o tradutor a fugir ou não de tais restrições.
9. As divergências são o próprio material de seu trabalho. Lidar com elas e explicitá-las é justamente o aspecto mais interessante do ofício do tradutor.
10. O tradutor pode fugir às restrições impostas pelas diversidades lingüísticas e culturais. Se realmente é possível, deve ser no domínio da tradução literária, particularmente na poesia.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi entrevistar o profissional e analisar seu conceito do ato de traduzir. Na verdade, queríamos comprovar e observar seu papel de tradutor no processo de tradução. Em relação à primeira pergunta temos:

a) Nas respostas, três utilizaram o verbo *transpor*. Esse verbo vem do latim *transponere*, que significa pôr algo em lugar diverso daquele em que estava ou devia estar; passar além; inverter a ordem. O complemento a esse verbo foi transpor idéias, uma expressão ou uma língua a outra. O verbo transpor tem uma carga significativa no conceito de tradução, contudo, no jogo das *idéias* pode adquirir significação mais ampla e profunda. Quando falamos de idéias, falamos de significados e sentidos, pois as idéias (significados) são a essência de um texto.

b) Podemos constatar nas respostas que três dos entrevistados (5, 6, 9) citaram: – equivalência textual relativa e dinâmica; – semelhanças entre as línguas envolvidas; – semelhanças, diferenças e aproximação entre os textos. Ao se transpor idéias e significados de uma língua para outra devemos considerar as semelhanças e diferenças entre elas, ou seja, o tradutor deve buscar uma equivalência textual. Essa equivalência nunca é estática e absoluta, mas relativa e dinâmica. Darin (1997) afirma que o ato tradutório não é entendido como cópia, substituição, transferência ou decodificação de significados preestabelecidos, mas passa a ser visto sob a ótica da criação, da transformação, de uma reescritura que se nutre do conjunto de crenças e valores do tradutor e das comunidades com as quais se relaciona. Podemos dizer também, neste caso, que o tradutor é um tipo de árbitro, pois cabe a ele julgar, pesar, filtrar e medir o equivalente textual.

Na segunda pergunta, queríamos ver qual a reação do profis-

sional frente a uma afirmação inequívoca.

a) Dos dez entrevistados, três não tiveram uma reação imediata de negação (2, 4, 9). Contudo, o tradutor 2, ao dizer que o tradutor está num processo de leitura, implica num processo de criação e de visão de mundo e por isso não pode ser escravo. Os outros dois indivíduos priorizaram o público-alvo e para isso o tradutor deve adaptar, achar equivalência textual. Vemos que esta questão está muito ligada ao conceito da primeira pergunta.

b) Três consideraram a possibilidade do tradutor ser escravo (1, 7, 10). Os profissionais 1 e 10 admitem ser escravos se houver um significado estável; já o profissional 7 nos dá um conceito inadequado, pois, como já foi visto neste trabalho, todo texto traduzido pode ser considerado como um texto original, afinal, passa por um processo de leitura e é traduzido segundo a ótica do tradutor. O novo texto produzido tem as mesmas características do primeiro texto, mas transposto pela ótica do tradutor-leitor.

c) Ao responder a pergunta 2, os profissionais 3, 5, 6, 8 negaram o fato de serem escravos. O entrevistado 8 disse algo relevante: O tradutor não deve fidelidade ao texto ou ao autor, mas sim compromisso de ser um leitor crítico e criativo.

d) Os outros três profissionais (2, 4, 9) enfatizam mais a competência e criatividade do tradutor satisfazer seu público-alvo. Assim, o tradutor não pode ser escravo do texto, mas tradutor-árbitro, e nunca poderá ser escravo. A questão está no papel de fidelidade e compromisso que o tradutor tem com o seu público-alvo e esta está relacionada com a familiarização e criatividade do tradutor-autor.

Em relação à terceira pergunta, basicamente quase todos os entrevistados foram unânimes em dizer que não há como fugir às restrições. Dois utilizaram a expressão busca de equivalência (3 e 5) e um, a aproximação (2). Os profissionais 4, 6 e 9 ressaltaram que essas divergências são o próprio instrumento de trabalho do tradutor e que cabe a ele considerar o autor e visar ao público-alvo. É a cultura (segundo os profissionais 1 e 7) e a capacidade do tradutor que vão dar ao leitor a fidelidade do texto original. A resposta do entrevistado 8 é inequívoca, pois considera um profissional experiente quase incapaz de produzir um texto coerente.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos conceitos de língua, leitura e cultura para entendermos melhor o processo de tradução. Aborda-

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.

mos duas visões teóricas distintas sobre a problemática da fidelidade e, por fim, apresentamos os dados coletados mediante um questionário, enviado a alguns profissionais da área, com o intuito de verificarmos, na prática, como tem sido seu papel.

No âmbito da leitura, da visão de mundo, do contexto histórico presente, o tradutor exerce o papel de *tradutor-leitor*, mas ao tratar das diferenças lingüísticas, com um certo grau de diversidade e com um certo grau de identidade, terá um compromisso instável diante de seu público-alvo, assim sendo, exerce seu papel de *tradutor-autor*; pois, segundo Arrojo (1993), à medida que se reconhece o caráter transformador e produtivo da tradução, o papel inquestionavelmente autoral do tradutor também tem que ser reconhecido.

Esta pesquisa justificou-se por tentar trazer aos profissionais da área uma reflexão sobre seu papel na atualidade. A análise feita neste trabalho confirma a hipótese levantada nesta pesquisa, afinal, o tradutor, muitas vezes, sente-se forçado a se restringir pelas regras ditadas pelos “clientes”. Arrojo (1993) também afirma que para o tradutor assumir a responsabilidade pela tradução que “escreve” é também assumir que nenhum significado e nenhuma solução podem ser exatamente “livres”, já que se produzem sempre no interior das relações e das redes de poder das quais participa como membro ativo e agente transformador. A frase dita pelo profissional 3: “o tradutor nunca foge” confirma seu papel de submissão pelas regras impostas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a. Ms. Gesiane Folkis, da Universidade do Sagrado Coração, minha orientadora durante o período de graduação, à Prof^a. Dr^a. Silvana Serrani-Infante da UNICAMP, ao Prof. Dr. Walter Costa, da UFSC, e à Prof^a. Ms. Marileide Dias Esqueda, da USC – Bauru, que contribuíram com leituras críticas do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. *O Signo Desconstruído* - implicações para a tradução, a Leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992.
- ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- AUBERT, F. H. *As (in)fidelidades da Tradução: servidões e autonomia do tradu-*

tor. Campinas: UNICAMP, 1993.

DARIN, L. C. M. Pesquisa em sala de aula: a prática de tradução na prática. *Trad-Term*, v. 4, n. 2, 2. sem., p. 97-128, 1997.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de língua*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. Campinas: Pontes, 1988.

OTTONI, P. Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. *Lusorama*, Berlim, n. 32, mar. 1997.

SANTOS, O. A. N. *O compromisso de fidelidade assumido pelo tradutor: Contradições entre o declarar e o descrever nos prefácios das edições bilíngües*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1998.

SCHAFF, A. *Filosofia da Linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1964.

SERRANI, S. Discurso sobre a língua, textualidade e línguas Estrangeiras Próximas. *Anais da ANPOLL*, 2000.

IBRAHIM,
Marisa Baldani Peres.
O papel do tradutor
no processo de
tradução.
Mimesis, Bauru,
v. 25, n. 1, 2004.
p. 117-130.